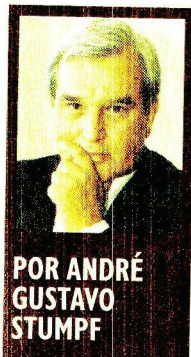


BRASÍLIA-DF



POR ANDRÉ
GUSTAVO
STUMPF

A SENADORA HELOISA HELENA QUER TER, TAMBÉM, O DIREITO DE CONHECER A LISTA DE VOTAÇÃO DOS SENADORES QUE CASSARAM LUIZ ESTEVÃO

stumpf@cldata.com.br

O resgate da primeira vítima

A senadora Heloisa Helena (PT-AL) não teve um final de semana bom. Foi acusada, em diversos artigos publicados nos jornais, de ter dado seu voto, na já famosa sessão quase secreta, contra a cassação de Luiz Estevão. Segundo suas próprias palavras "feriram meu coração com uma peixeira". Doeu.

Ontem foi o dia da forra. A alagoana fez duro discurso no plenário do Senado solicitando a prova material do crime: a lista de como os senadores votaram naquele dia que ainda não terminou. O pedido é simples. Se uns viram e checaram a relação de nomes e votos, todos os demais têm o direito de fazê-lo.

Já circulam listas da votação contra e a favor de Luiz Estevão na Internet. A discussão caminha para entrar no perigoso terreno da galhofa. Surgirão relações de todos os tipos e tamanhos. Ilações as mais diversas serão utilizadas na campanha do próximo ano. Com o passar do tempo, depois que se comprovou a violação do painel eletrônico do Senado, ninguém mais terá segurança sobre o que de fato ocorreu naquele dia no plenário.

A senadora estranha o persistente sobe-e-desce da tribuna, as alegações falsas, os desmentidos recorrentes e a preocupação em pedir desculpas a filhos, eleitores e companheiros da casa. Ela é, em verdade, a vítima da violação. Qualquer senador pode votar como bem entender. O problema é pessoal e partidário. O que não pode haver é a quebra do sigilo.

A situação no Senado alcançou nível de ineditismo preocupante. A ex-diretora do Prodasen confessou, o senador admitiu ter pedido à funcionária que violasse o sigilo. Foi além e afirmou ter lido na companhia de Antonio Carlos Magalhães a relação de nomes e votos. O crime foi cometido. Arrependimentos posteriores não modificam o procedimento anterior. O mal está feito.

Mais: o senador Antonio Carlos Magalhães disse aos procuradores ter a lista de votação. Ele, contudo, nega. Segundo o depoimento de outros senadores não envolvidos no assunto, a lista original sumiu. Operação muito semelhante aos banqueiros de jogo do bicho. Quan-

do a polícia aparece, eles engolem a relação dos números premiados. Não há crime sem cadáver.

Neste caso há uma prova efetiva da violação descoberta pelos técnicos da Unicamp. Mas os prejudicados, no caso a principal é a senadora de Alagoas, não têm como se defender. Ela é acusada por uma dúvida, uma suspeita e, talvez, uma intriga daqueles que chama de moleques vestidos de homem. Ou dos vadios em conversa de botequim. Nenhum senador arrisca um palpite sobre o final deste caso. A guerra de denúncias e agressões provocou o desastre coletivo. O Senado sofreu muito e os senadores envolvidos vão sofrer ainda mais.

O poder excessivo do Senado resultou nisto. É o centro das altas decisões nacionais. Os senadores abdicaram de sua presença na formulação das grandes políticas brasileiras para centrar seu objetivo na sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso. Todo mundo perdeu. Não há mais solução honrosa, nem digna, para a controvérsia.

Não é bom ver Arruda chorando na tribuna, pedindo perdão pelos atos cometidos. Uma carreira promissora rolou pelo ralo da história. Saiu da liderança do governo no Senado, função importante e de grande projeção. Abandonou o PSDB. Deixou seus eleitores no Distrito Federal à deriva e entregou, de graça, a sucessão local a seus adversários. Os desastres são sucessivos e cumulativos. Heloisa Helena, contudo, não tem nada a ver com isso. Ela quer a lista. A primeira vítima é a verdade. A segunda foi a representante de Alagoas, qualquer que tenha sido seu voto.

